

ARTIGO

IMPRESSÕES AMAZÔNICAS: A RELAÇÃO COMUNICACIONAL  
DO IMAGINÁRIO ROMANTIZADO COM FRAGMENTOS DA  
REALIDADE

**Resumo**

O artigo analisa aspectos do processo histórico de ocupação da Amazônia, para compreender como se moldou o imaginário sobre a região. O objetivo é verificar o caráter ecossistêmico comunicacional, ou seja, a complexa rede de significados propagada pelas relações entre os sistemas político-econômico, sociocultural e ambiental. O trabalho é apoiado em autores como PROUS (2007), GONDIM (2007), BENCHIMOL (2009) e PIZARRO (2012).

**Palavras-Chave:** Amazônia; imaginário; história; ecossistemas comunicacionais.

**Abstract**

*This paper analyzes historical periods of occupation of the Amazon, to understand the formation of the regional imaginary. Intends to verify the communication network propagated meanings for relations between the political and economic systems, socio-cultural and ecological. The text is based on PROUS (2007), GONDIM (2007), BENCHIMOL (2009) and PIZARRO (2012).*

**Keywords:** *Amazon; imaginary; history; communicational ecosystems.*

---

\* Mestrando no Programa de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Capes.  
E-mail: rafaflopes@bol.com.br

## *Introdução*

Desde menino sempre quis conhecer a Amazônia. No interior do Rio Grande do Sul, eu olhava para o norte imaginando as paisagens da selva, com árvores gigantes, povoada por índios e animais monstruosos, cheia de mistérios e lendas. Mais que uma região geográfica, uma imagem mítica me fascinava, pois minha concepção era baseada em filmes de aventura, telenovelas, livros didáticos de história e geografia, e nas reportagens sobre “o pulmão do mundo” ou o “último paraíso do planeta”. E pensava: será que esse lugar realmente existe? Será que um dia vou conhecê-lo?

Porém, as ilusões do senso comum, começaram a ir pela correnteza do rio, assim que desembarquei pela primeira vez em Manaus, no início da minha carreira como repórter, em 2002. Com o tempo, conforme fui conhecendo lugares do interior do Amazonas, assim como municípios de Roraima, Rondônia e Pará, as “decepções” sobre o “mundo fantástico” aumentaram. Não encontrei o que esperava, mas descobri outras realidades, tão diversas e ricas que me obrigaram a admitir as limitações da minha visão.

Devido ao exercício da profissão, conheci comunidades indígenas e ribeirinhas, porém, com uma dimensão cultural que não cabia no meu modelo padronizado. Passei a enxergar uma paleta de cores além do vermelho-urucum, na mistura entre brancos-amarelados, azulados-ribeirinhos, açáis-caboclos e outros tons. Percebi o preconceito que os próprios amazônidas têm nas suas “diferenças” e como a “raça” ainda cria barreiras.

Desbravei parte de uma belíssima floresta, cheia de animais silvestres, insetos e plantas, mas não fui atacado por monstros. Achei curiosa e fascinante a circulação pelos rios, que são como artérias a transportar gente e mercadorias. Ouvi sonoridades, experimentei sabores, aromas e fui levado por corredeiras e labirintos de igarapés.

Também notei que os problemas ambientais são muito mais complexos do que eu supunha e me choquei mais ainda com os problemas sociais. Encontrei cidades asfaltadas com edifícios moderníssimos, periferias e favelas de palafitas, vilarejos em ruínas, indústrias de alta tecnologia, sítios arqueológicos, exploração de minérios, expansão do agronegócio, turismo ecológico, tráfico de drogas e pessoas. Enfim, uma Amazônia que mesmo repleta de lendas e tradições, não é um universo exótico perdido no tempo e sua população sobrevive sem a “ação de rituais mágicos”.

Na contramão, sempre fui questionado sobre o cotidiano no sul do país. E até hoje, algumas pessoas do norte me perguntam se todos os gaúchos moram em

fazendas e trabalham na lavoura. Se nos pampas o transporte é feito a cavalo. Se os homens usam bombachas e botas e as mulheres longos vestidos rodados. Se o lazer é se reunir ao redor de uma fogueira, tocar sanfona (que chamamos de gaita), dançar o vanerão, comer churrasco, tomar chimarrão...

Esses contrapontos desconcertantes, talvez não sejam diferentes de um norte-americano que imagina o Brasil ou de iraniano concebendo um esquimó. Possivelmente, ninguém seja capaz de ter uma noção clara sobre as demais culturas, afinal, se já é difícil conceber a própria aldeia, quem dirá o mundo ao redor.

Diante disso, instigado pelo processo da construção de imagens representativas de povos ou lugares, e de como elas se disseminam, se perpetuam e moldam o nosso pensamento, me ocorreu a ideia deste trabalho. A proposta acabou se afinando com o perfil do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas, cuja área de concentração é Ecossistemas Comunicacionais, que busca compreender os fenômenos comunicativos a partir de uma complexa teia de relações.

Portanto, minha opção metodológica foi trabalhar com um fio narrativo, passando cronologicamente por aspectos de diferentes períodos históricos da Amazônia, para compreender a cristalização do imaginário sobre a região, na perspectiva ecossistêmica comunicacional. Para essa pequena viagem, trago autores como PROUS (2007), GONDIM (2007), BENCHIMOL (2009) e PIZARRO (2012).

### *As fantásticas viagens ao exótico “mundo perdido”*

Séculos antes dos europeus chegarem à região, hoje conhecida por Amazônia, ela já era povoada. Estima-se cerca de dois milhões de pessoas, mas estudos realizados sobre áreas chamadas de Terra Preta de Índio<sup>1</sup> apontam a possibilidade de uma população ainda maior<sup>2</sup>. Assim como em outras regiões da (atual) América (civilizações Inca, Maia e Asteca), essas populações formavam uma complexa teia de atividades, organizadas em tribos, aldeias ou pequenos grupos. Entretanto, toda

<sup>1</sup> Tipo de solo, cuja origem de formação baseia-se em duas principais hipóteses, a primeira é a antrópica, na qual as TPI teriam sido formadas não intencionalmente pelo homem pré-colombiano, ou seja, consequência do estilo de vida adotado por estas sociedades. A segunda defende que estes solos surgiram nos antigos campos de lavoura dos povos indígenas, e que foram resultados de uma intervenção planejada, ou seja, a chamada hipótese antropogênica. Disponível em: <<https://falacampo.wordpress.com/2014/02/03/terra-preta-de-indios-misteriosos-solos-da-amazonia/>> Acesso em 08/05/2015.

<sup>2</sup> Nova teoria propõe que a população da Amazônia pré-colombiana pode ter chegado a 20 milhões de pessoas no período antes da chegada dos europeus. Atualmente a população indígena do Brasil é de 460 mil pessoas. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/nova-teoria+afirma+que+amazonia+precolombiana+foi+populosa/n1237780376244.html>> Acesso em 08/05/2015.

essa cultura foi ignorada e suplantada a partir da imposição etnocêntrica dos colonizadores, com reflexos que permanecem até hoje, traduzidos numa visão “exótica” – construída pelo olhar estrangeiro.

Como qualquer explorador, chegamos com imagens preconcebidas e com os mitos produzidos sobre ela, como o do território verde com populações indígenas, do paraíso, do pulmão do mundo, entre tantos outros. Como dizíamos, uma consideração ampliada do cultural pode vir a incorporar uma variedade de elementos, mas nossa inquietude se orienta especialmente para o modo como foram construídos, e ainda se constroem, no discurso, os imaginários sobre esta área. (PIZARRO 2012, p. 29)

GONDIM (2007) diz que a Amazônia “é uma invenção”, a partir de relatos de viagens escritos por exploradores, missionários e artistas. A autora monta um painel dos viajantes e ficcionistas que escreveram sobre a região, entre os séculos XVI e XX, e reforça que a grande maioria desses aventureiros deixou o registro de entusiasmo, preconceito e fantasias. Essas viagens acenderam o imaginário dos europeus, pois estes sonhavam com o “paraíso e a fonte da eterna juventude”.

O impacto das construções simbólicas foi tão marcante que encontramos reflexos na atualidade. Na busca da gênese dessas ideias, GONDIM (2007) acredita que “a invenção da Amazônia” tenha raízes em concepções da mitologia grega, da bíblia e crenças da Idade Média, que configuraram ideologias reproduzidas até os dias atuais.

Mas, antes de concentrar-nos em antigos relatos, é preciso compreender como essa imensa região se formou e se desenvolveu anteriormente à chegada dos europeus. Existem diferentes teorias sobre o processo migratório e a ocupação pré-histórica na Amazônia.

Segundo PROUS (2007), vestígios cerâmicos, inscrições e pinturas rupestres de 11 mil anos atrás comprovam como é antiga a presença humana na região, porém acredita-se, que os primeiros grupos possam ter chegado há 20 mil anos, provenientes da Ásia, quando alcançaram a América pelo Estreito de Bering e foram povoando o continente, acompanhando as grandes manadas de animais, pois sobreviviam como caçadores-coletores.

Quando os primeiros grupos humanos chegaram à região, a vegetação era formada por savanas com manchas de florestas ciliares. Fósseis encontrados principalmente próximos a barrancos de rios indicam a presença de animais como o mastodonte, a preguiça-gigante, o toxodonte e o tigre-dentes-de-sabre, entre outros. Cerca de sete mil anos atrás o planeta passou por profundas mudanças climáticas que

impactaram à região, tornando-a mais quente e úmida. Com isso houve a expansão da floresta, como aponta PROUS (2007, p. 14), “além dos vestígios culturais, os vestígios naturais informam sobre o palioambiente: clima, vegetação, fauna e topografia, que mudaram ao longo do tempo, influenciando as coletividades humanas”.

Uma das consequências desse processo foi o aumento dos recursos de alimentação, marcando uma segunda fase na ocupação da Amazônia, caracterizada pelo início da formação sociocultural. Há aproximadamente cinco mil anos, os bandos passaram a permanecer por mais tempo numa determinada área, a praticar a agricultura e intensificar a fabricação de objetos cerâmicos. Com o surgimento da chamada Cultura de Floresta Tropical, os povos que habitavam a região diversificaram suas práticas e constituíram-se em diferentes culturas, destaca PROUS (2007). É nesse contexto que ocorre o encontro entre os nativos e os exploradores europeus.

Nos séculos XV e XVI Portugal e Espanha, eram grandes potências econômicas que, por meio da navegação, expandiam seus impérios. O tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, criava uma divisão territorial, na qual a atual Amazônia (mesmo ainda desconhecida ou não explorada pelos europeus) estava dentro dos domínios espanhóis<sup>3</sup>. Na época do tratado, Cristóvão Colombo já havia chegado a América Central, em 1492.

Já a chegada dos europeus ao Brasil é oficialmente tomada a partir da expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500, na viagem que tinha por objetivo chegar à Índia contornando a África (como didaticamente se ensina), mas os portugueses já eram conscientes da possibilidade de grandes extensões de terra a oeste. BUENO (1989) aponta controvérsias na história oficial, pois muitos historiadores sustentam que outros navegadores teriam chegado ao Brasil antes de Cabral, como Vicente Yáñez Pinzón, Diego de Lepe e Duarte Pacheco Pereira, que em 1498, numa expedição encomendada pela Coroa Portuguesa, para conhecer o que estava além da linha de Tordesilhas, teria chegado à foz do rio Amazonas e à Ilha de Marajó.

A conquista de novas terras estimulava a cobiça, pois a partir do reconhecimento e posse, se afirmavam o poder político e econômico de Portugal, Espanha e outros impérios que buscavam estender seus domínios. E assim, se desenvolveu a terceira fase de ocupação na Amazônia.

Antes de chegar à região, os expedicionários acumulavam sonhos e fantasias acerca da Amazônia. Mas ela sempre foi misteriosa e, as sensações que eles tinham, é lógico, incluíam o medo de não encontrar o que tanto ansiavam. O que de fato aconteceu. Os indígenas

<sup>3</sup> Tratado de Tordesilhas – Contexto Histórico. Disponível em: <[http://www.historiadobrasil.net/resumos/tratado\\_tordesilhas.htm](http://www.historiadobrasil.net/resumos/tratado_tordesilhas.htm)> Acesso em 10/05/2015.

seriam os habitantes que ajudariam os brancos a conseguir extrair a riqueza do local e ao mesmo tempo os auxiliariam na adaptação à região, mas não aconteceu dessa maneira. Os índios e os brancos não se entenderam, pois tinham objetivos diferentes. Os recém-chegados queriam escravizá-los e, a natureza do índio de fazer apenas o que deseja e o que precisa, não aceitou essa condição. Então: Os nativos são os agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco. (GONDIM, 2007, p.163)

A primeira grande expedição à região foi realizada entre 1540 e 1542, comandada pelo espanhol Francisco de Orellana (primeiro explorador a percorrer o curso do rio Amazonas dos Andes ao Atlântico).

Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. (GONDIM, 2007, p.13-14)

Os relatos dessa viagem, que são os primeiros registros escritos sobre a floresta amazônica, destacando a diversidade de ambientes e culturas, foram feitos pelo frei Gaspar de Carvajal<sup>4</sup>. A percepção do escritor, possivelmente, seja responsável pelo início da construção do imaginário fantástico sobre a região, inclusive a referência de seu nome.

Segundo Carvajal, o grupo encontrou uma tribo na qual as mulheres demonstravam coragem e habilidades de guerreiras ao dispararem flechas, dardos e zarabatanas, para defender seu território (Carvajal relata que teria sido ferido por uma dessas flechas). Devido a essa postura destemida, os exploradores as relacionaram com as guerreiras amazonas da mitologia grega. A partir daí, o lugar passou a ser conhecido como “o rio das Amazonas”.

As Amazonas da mitologia grega era um grupo de mulheres que excluía a participação masculina. Eram exímias guerreiras e para manejar melhor o arco cortavam um dos seios. Uma vez ao ano mantinham relações sexuais com homens de uma tribo vizinha para perpetuar o clã. Os meninos nascidos desses encontros eram mor-

<sup>4</sup> O texto da primeira viagem de navegação pelo Amazonas foi preservado através de duas cópias: uma conservada na Biblioteca da Real Academia de História e outra à Biblioteca Nacional de Madrid. A partir daí, entre os séculos XVI e XVIII, um importante conjunto de relatos sobre a Amazônia foi produzido por diversos sujeitos, fossem eles aventureiros, funcionários das Coroas ibéricas ou missionários. Neles, assim como em Carvajal, podemos encontrar dados que destoam da noção corrente, por muito tempo, de que a floresta tropical fosse pouco adequada para a sobrevivência humana e carente de recursos que viabilizassem a concentração e o desenvolvimento populacional. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0758.pdf>> Acesso em 10/05/2015.

tos ou encaminhados aos pais, já as meninas eram criadas pelas mães e treinadas nas práticas agrícolas, da caça e artes da guerra.

Com relação às “Amazonas da floresta”, alguns historiadores sugerem que na época da expedição de Orellana, já havia entre os índios da região a crença das Icamiabas, uma tribo formada por mulheres. Não tinham contato com homens além da necessidade de procriação. Os meninos eram sacrificados ou abandonados na floresta, enquanto as meninas se tornavam guerreiras. Essa lenda teria chegado ao conhecimento dos exploradores, e por algum fato ocorrido durante a viagem, possivelmente, relacionaram ambas as histórias, recriando no novo mundo um mito clássico. Inclusive, descrevendo as Icamiabas como mulheres desnudas, altas, brancas e de cabelos trançados no topo da cabeça.

A narrativa maravilhosa de Carvajal deixou como herança à grande maioria dos viajantes, a história das Amazonas no império dourado de Canhori. Quase trezentos anos depois, viajantes a serviço de seus países ainda se perguntavam pelas guerreiras solitárias. (GON-DIM, 2007, p.169)

A empreitada de Orellana, na busca de riquezas, remete ao fortalecimento do “mito do Eldorado”. Em espanhol *el dorado* significa “o homem dourado”, e neste caso, uma possível referência ao soberano de uma cidade com construções de ouro perdida no meio da floresta. A busca por esse lugar, que jamais foi encontrado, teria sido a motivação dessa e outras expedições, pois na época, os relatos indígenas aguçavam a ambição dos desbravadores. Pesquisadores relacionam este mito com inúmeras lendas, entre elas a dos índios Chibcha, que viviam próximo a atual Bogotá (Colômbia), e em seus rituais religiosos tinham o costume de cobrir o corpo do rei com uma resina sobre a qual sopravam um finíssimo pó dourado, para que ele se banhasse numa lagoa em devoção ao seu deus.

Em BOLLE; CASTRO; VEJMEKKA (2010) é ressaltado que a expedição de Orellana não foi a primeira ao território amazônico, porém a mais expressiva das incursões espanholas, fundando no imaginário o que os autores denominam de “região universal e teatro do mundo”. O rio Amazonas foi percorrido na sua intrincada geografia, completamente diferente dos ambientes que os europeus estavam acostumados, com situações que variavam da cooperação ao conflito armado, devido à diversidade de povos que encontraram ao longo do caminho. Somado a isso, estava à ambição por tornar reais as infundáveis promessas de riqueza.

## *Colonialismo canibal: o “civilizado devora o silvícola”*

O território amazônico pertencia à Espanha, mas Portugal começou a impor estratégias para o seu controle, devido às invasões de ingleses, franceses e holandeses. Em 1616, na foz do rio Amazonas, foi fundado o Forte do Presépio, para proteger a região de invasões estrangeiras e dando origem a cidade de Belém. Nessa época os portugueses estavam interessados em ampliar seus domínios em direção a oeste, explorando as riquezas da floresta.

A partir de 1637, a expedição comandada pelo português Pedro Teixeira, composta por mais de duas mil pessoas, avançou pelo rio, estabelecendo núcleos de povoamento, explorando a mão de obra indígena e extraíndo produtos da floresta que eram comercializados no mercado europeu, como a castanha, o cacau, o tabaco, peles de animais, animais vivos, entre outros que ficaram conhecidos por drogas do sertão.

As dificuldades dos europeus em desbravar o ambiente natural da Amazônia, com condições geográficas e climáticas adversas, criaram a ideia de uma região indomável, o que o imaginário do colonizador classificou como o “inferno verde”.

A Amazônia é, assim uma construção discursiva. Somente através dessa construção é possível chegar a sua imagem. Esta região do imaginário é a história dos discursos que foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador. (PIZZARRO, 2012, p.33)

O processo de colonização subjugou e exterminou culturas e grupos sociais consolidados há séculos, mutilando povos e identidades.

As diversas vozes contidas nos “discursos narrativos da conquista” veiculam-se, sob três formas principais: o “discurso mitificador”, que opera uma ficcionalização tanto da realidade do Novo Mundo quanto da natureza e do significado do processo de conquista, o “discurso de desmitificação” (discurso narrativo do fracasso) que questiona os modelos formulados pelo primeiro deles, e o “discurso narrativo da rebelião”, que estuda o processo de crise e liquidação simbólica dos mitos e modelos anteriores. (MIGNOLO, 1982, p. 57)

Em menos de dois séculos de exploração europeia, a região amazônica, que era formada da multiplicidade cultural, passou a servir exclusivamente aos interesses dos colonizadores. Os habitantes nativos foram escravizados ou forçados a assumir uma nova configuração dentro de um processo que reduziu maciçamente a população indígena. Entre as imposições do colonizador vieram missões religiosas, principal-

mente dos jesuítas (expulsos em 1759, acusados de tentar criar um estado próprio no reino de Portugal) e dos franciscanos, com o intuito de converter os índios à fé cristã e utilizar sua força de trabalho. Os brancos também disseminaram doenças como a gripe, o sarampo e a tuberculose.

O Tratado de Madri, em 1750, foi fundamental para estabelecer oficialmente os domínios territoriais entre as colônias de Portugal e Espanha, visto que na prática ambas as cortes nunca cumpriram com o que havia sido firmado em Tordesilhas. Há de se ressaltar que nessa época os mapas eram bastante imprecisos o que dificultava avaliar a real extensão das terras. Além do critério do direito de posse (e os povoamentos portugueses já estavam estabelecidos em muitas regiões), os mapas que serviram de base para o tratado, encomendados por Portugal, propositadamente apresentavam algumas distorções no traçado de rios, o que favoreceu a corte de Dom João V e praticamente estabeleceu o contorno geográfico das fronteiras do Brasil atual.

Após o Tratado de Madri, foi criada a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, pelo Marques de Pombal, em 1755, com o objetivo de tirar o atraso de Portugal em relação a outras potências europeias, por meio do incremento comercial com a Europa, nas mercadorias produzidas na região, tais como cacau, canela, cravo, algodão e arroz, dando início a uma nova fase no desenvolvimento da região.

Essa segunda metade do século XVIII também é marcada pela chegada dos primeiros escravos africanos na região do baixo Amazonas, se concentrando entre o Pará e o Amapá, para suprirem a demanda de mão de obra, sobretudo, na construção civil, nas plantações de cacau e demais atividades agrícolas e de extrativismo. Muitos conseguiram fugir e formaram quilombos na região. Nessa época a miscigenação de raças era estimulada para aumentar o povoamento, fazendo florescer o que se convencionou chamar de população cabocla.

Tanto portugueses como espanhóis, no processo de conquista e ocupação, transplantaram e difundiram os valores e símbolos culturais europeus. A sociedade nativa amazônica, ao receber o impacto dominante desses valores e sistemas imperiais, aculturou-se, por via de submissão, acomodação, assimilação ou conflito, sobrepondo-os ou integrando-os à própria cultura original. De outro lado, os conquistadores que vieram “fazer a Amazônia”, a serviço da fé e do império, tiveram de ceder e adaptar-se ao mundo tropical circunjacente para poder sobreviver em meio às surpresas, incertezas e agressividade de um ambiente exótico e desconhecido. A colonização e expansão do império português, na Amazônia, foi uma tarefa dura e penosa que exigiu a mobilização de capitães-generais, sargentos-mores, sertanistas, missionários, colonos e índios ao longo de mais de duzentos anos de presença

nas colônias do Grão-Pará, Maranhão e Rio Negro. Durante esses dois séculos, a influência portuguesa se fez sentir de forma profunda na vida e cultura da região. (BENCHIMOL, 2009, p. 73-74)

### *Da ascensão à queda do “ouro branco”*

No século XIX, a região amazônica passou por transformações políticas e sociais<sup>5</sup>, acompanhando uma série de revoltas ocorridas em outras regiões do Brasil, devido à dissonância entre os interesses regionais e os da coroa. A Cabanagem (1835-1840) foi uma revolta que congregou índios e caboclos (que sobreviviam na penúria) com a elite econômica de Belém (comerciantes e fazendeiros), na luta contra a exploração do governo regencial. Calcula-se que durante o conflito a província do Grão-Pará tenha perdido cerca de 40% da sua população, sem que os cabanos tenham alcançado seus objetivos.

A decadência foi acentuada na região e só começou a mudar a partir da criação da província do Amazonas (antiga Capitania de São José do Rio Negro), desmembrada do Grão-Pará, em 1850, quando surgiram os primeiros movimentos de valorização industrial da borracha extraída da seringueira (que já era utilizada pelos índios na fabricação de objetos como botas e recipientes). Entre 1870 e 1900 aproximadamente 300 mil nordestinos migram para trabalharem nos seringais, juntamente com os indígenas, pois devido a Revolução Industrial, as fábricas (principalmente a indústria de pneus) importavam matéria prima em grande quantidade.

Esses migrantes, empurrados pela pobreza e constantes secas no nordeste, acabaram tendo que se adaptar a uma realidade tão dura quanto a que viviam anteriormente, porém numa outra rotina. Foi preciso avançar para dentro da selva e realizar um trabalho pesado, desde a extração da seiva da seringueira, defumação e processamento do látex, até o transporte do material às margens dos rios, que era levado ao comércio nas cidades, de onde partia em navios para a Europa e América do Norte. A ideia do “inferno verde” voltou a ser marcada no imaginário da região.

Os seringueiros (trabalhadores dos seringais) e suas famílias, que também atuavam na produção da borracha, eram explorados ao extremo e sobreviviam de forma rudimentar (praticamente presos num perverso sistema de aviação), impedidos de conquistar sua independência financeira, enquanto os seringalistas (exploradores dos seringais) e comerciantes usufruíam da riqueza proporcionada pela atividade.

---

<sup>5</sup> Uma viagem pela história da ocupação da Amazônia. Disponível em: <<http://www.tomdaamazonia.org.br/biblioteca/files/Cad.Prof-4-Historia.pdf>> Acesso em 10 de Maio de 2015.

Cidades como Belém e Manaus se desenvolveram rapidamente e ganharam ares cosmopolitas com a vinda de estrangeiros interessados em atividades comerciais e de exportação. As capitais importaram hábitos e costumes da moda, e passaram a usufruir de requintes que contrastavam com a realidade brasileira, como luz elétrica, sistema de água encanada, rede de esgoto e bonde elétrico. Prédios e palacetes suntuosos foram erguidos nesse período, como o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896. Nessa época a borracha era responsável por quase metade das exportações brasileiras<sup>6</sup>.

O declínio deste ciclo, que durou cerca de três décadas, se deu com o fim do monopólio brasileiro na produção da borracha, devido a implantação de seringais na Ásia, mais produtivos e com preços mais competitivos no mercado internacional. Essa mudança tem como pano de fundo um dos casos mais famosos sobre biopirataria, pois os seringais constituídos na Malásia, Sry Lanca e Indonésia, tiveram origem em sementes de seringueiras contrabandeadas da Amazônia.

A decadência da atividade fez com que muitos seringueiros voltassem para o nordeste e ocorreu um despovoamento significativo na região entre as décadas de 1920 e 1930. Com a Segunda Guerra Mundial, os países aliados contra a Alemanha, sem acesso à borracha asiática, devido ao controle japonês, precisaram recorrer à Amazônia para não comprometer a indústria bélica, como vemos em MARTINELLO (1988). Nesse período ocorreu uma segunda migração em massa de nordestinos para o norte, são os chamados “soldados da borracha”, convocados pelo governo do presidente Getúlio Vargas, que tinha o apoio dos Estados Unidos, com grandes investimentos para a retomada da produção de borracha na Amazônia.

O discurso para atrair trabalhadores, ganhou força recorrendo às ideias de paraíso e fortuna fácil, quase numa alusão ao antigo mito do Eldorado. No entanto, na prática, a marcha para o oeste não trouxe a riqueza para os trabalhadores, que mais uma vez se viram presos numa cadeia de exploração econômica injusta. Quando a guerra chegou ao fim os norte-americanos desistiram de levar adiante os investimentos na região. Cerca de 30 mil seringueiros morreram vitimados por doenças e abandonados pelo governo brasileiro.

<sup>6</sup> Manaus (Amazonas) é o centro de exportação de borracha. De um aglomerado urbano no meio da selva amazônica torna-se uma capital moderna, sendo chamada de Paris dos Trópicos. É a segunda cidade brasileira a instalar iluminação elétrica. Belém (Pará), que se torna a quinta cidade do País no início do século XX, após Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. São construídas amplas avenidas e praças, erguidos imponentes edifícios públicos e residências, além do porto. Durante este ciclo, a renda per capita no Amazonas foi, em média, de 224\$000 (duzentos e vinte e quatro mil réis) e nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, 93\$000 (noventa e três mil réis). A borracha representa 40% do volume das exportações do País. Com isso a região amazônica passa a ter importância econômica mundial. Disponível em: < <http://www.apabor.org.br/sitio/historia/historico.htm> > Acesso em 11/05/2015.

## *Amazônia fragmentada: os reflexos da ditadura*

Na década de 1960 a ditadura militar pretendia integrar a Amazônia com o resto do país, pregava a unificação nacional e a proteção da floresta contra a “internacionalização”. Os militares realizaram obras em infraestrutura para a ocupação da região e a construção de estradas, como a polêmica e inacabada Transamazônica, rodovia ligando Cabedelo (PB) à Lábrea (AM).

A política do “integrar para não entregar” propunha um novo modelo de ocupação, com projetos mineradores, madeireiros e agropecuários, através de polos de desenvolvimento espalhados pela Amazônia, entre eles o polo tecnológico e industrial da Zona Franca de Manaus. Entretanto, as consequências dessas iniciativas ideológicas não se traduziram num progresso totalmente “sustentável” para o norte do país, diante da constatação de inúmeros problemas que crescem a cada ano.

Conforme dados do IBGE, de 1970 para 2000 (último senso realizado), a população da Amazônia Legal passou de sete milhões para vinte e um milhões de habitantes, ou seja, triplicou em trinta anos, obrigada a se adaptar dentro de um crescimento desordenado. Em 2009 a área desmatada atingiu a marca dos 70 milhões de hectares, e segundo ambientalistas a principal causa é o avanço da pecuária extensiva, que derruba a floresta para formar pastagens. A degradação ambiental também tem relação com a exploração ilegal de madeira, garimpos, grilagem de terras e projetos de assentamento que não cumpriram sua função social. O combate ao tráfico de drogas, animais, plantas e minérios não se mostrou eficaz diante da imensa extensão territorial a ser vigiada.

As tensões sociais se agravaram com a disputa por terras, obras polêmicas como a construção de hidrelétricas, a violência e a criminalidade nas cidades e comunidades do interior (com casos de repercussão internacional, entre eles os assassinatos do líder sindical Chico Mendes, em 1988, o massacre dos Carajás, em 1996, e a morte da missionária norte-americana Dorothy Stang, em 2005). No entanto, há quem veja o futuro com otimismo.

Tudo isso indica que a Amazônia está sofrendo um grande processo de mudança e transformação. Mudança, tanto no sentido econômico, pela ampliação e surgimento de novas atividades produtivas, como no campo cultural, pela absorção de novos grupos humanos que para aqui se deslocaram. Só uma coisa permanece constante: a extraordinária capacidade que a sociedade amazônica demonstra em acolher, absorver, assimilar e integrar povos e culturas diferentes. E, sobretudo, nesse contínuo processo de adaptação, de renovar-se a si mesma, influenciando e se deixando influenciar, sem perder o seu caráter e a sua identidade brasileira e tropical. (BENCHIMOL, 2009, p. 487)

## *Considerações finais*

O resultado de um processo de ocupação tão brutal só poderia resultar numa conformação social *sui generis*, que ao mesmo tempo está inserida num dos ambientes naturais mais importantes do planeta. Hoje se fala que o desafio para o desenvolvimento sustentável da Amazônia passa pela compreensão do seu processo histórico.

Por isso, é impossível esquecer que a imposição etnocêntrica, que dizimou povos e apagou suas identidades, permanece ainda hoje entre a sociedade, nos discursos e ações (reminiscentes de relatos, romances, imposições, massacres e ideologias), reforçando preconceitos e limitando o entendimento sobre essa região de dimensões continentais.

A ideia da contextualização histórica neste trabalho traz à tona uma complexa teia de relações, que perpassam por disputas de poder, ideologias, questões étnicas, aspectos socioambientais e político-econômicos, formando um ecossistema comunicacional, que propõe:

(...) estudos sobre os processos de organização, transformação e produção das mensagens conformadas na cultura a partir das interações entre sistemas sócio-culturais-tecnológicos, considerando a complexidade sistêmica e informacional dos fenômenos comunicativos. (MONTEIRO; ABBUD; PEREIRA, 2012, p 09)

Da intersecção entre esses elementos, ocorre a formação do simbólico, que levado novamente ao âmbito social reverbera tais concepções, perpetuando o imaginário no senso comum. Ou seja, a mitologização do cotidiano amazônico, sempre ocorreu no processo comunicativo, em seus diferentes meios, circunstâncias e épocas.

Espera-se que as questões levantadas aqui, possam gerar reflexões e construir outros sentidos referentes à imagem da Amazônia, pelos processos comunicativos, sejam eles no âmbito interpessoal, entre as comunidades, nas manifestações culturais e artísticas, pelas instituições ou pelos veículos de comunicação de massa.

## *Referências bibliográficas*

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: Formação social e cultural. Manaus: Valer, 2009.

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEJKA, Marcel (orgs.). **Amazônia – Região Universal e Teatro do Mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

- BUENO, Eduardo. **A viagem do Descobrimento**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica (Descobrimdo o Brasil)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/mapa\\_site/mapa\\_site.php#populacao](http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#populacao)> Acesso em 16/05/2015.
- MARTINELLO, Pedro. **A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico**. Rio Branco: Ufac, 1988.
- MIGNOLO, Walter. **Cartas, crônicas e relações do descobrimento e da conquista**. Madri: Cátedra, 1982.
- MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitosa (orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua/UFAM, 2012.
- PINTO, Renan Freitas. **Viagem das idéias**. Manaus: Valer, 2006.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros – a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.